

**O uso da linguagem cartográfica como meio para percepção e construção de saberes acerca do conhecimento geográfico****The use of cartographic language as a means for the perception and construction of knowledge about geographical knowledge**

DOI:10.34117/bjdv6n10-150

Recebimento dos originais:08/09/2020

Aceitação para publicação:07/10/2020

**Sabrina Oliveira Lima**

Graduada do Curso Normal Superior e Graduada do Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado da Bahia. UNEB, Campus XI. Pós-Graduação- Língua Portuguesa e Literatura Brasileira-FACCEBA  
E-mail: sa.solima@gmail.com

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo, discutir aspectos sobre a execução do Atelier Cartográfico II, intitulado: A linguagem cartográfica na sala de aula - dispositivo didático-pedagógico para ensinar e aprender conceitos e temas da Geografia Escolar, como atividade do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, no âmbito do subprojeto: “Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico”. A intervenção em questão aconteceu no Colégio Estadual Normal de Serrinha nas turmas do 1º ano B e C, do Ensino Médio, no turno vespertino, tendo como tema: Cartografando: Construindo e (re) significando a percepção do Bairro da Rodoviária em Serrinha-Ba. Discute sobre a importância da linguagem cartográfica, e o seu uso como instrumento assistencial no processo de mediação do conhecimento e, ainda aborda sobre questões como: dinâmica territorial e a especulação imobiliária do bairro da Rodoviária, com enfoque no Shopping Serrinha e as construções recentes em seu entorno. No primeiro momento foi realizada uma revisão de literatura, e em seguida, a realização de uma oficina nas turmas citadas, onde os envolvidos no projeto tiveram oportunidade de alcançar conhecimentos relativos à linguagem cartográfica, tendo como base a realidade experimentada para a propagação e ampliação do olhar geográfico, na abordagem de diversas questões que permeiam uma dada condição social. Por último, foi realizada uma atividade de campo no bairro da Rodoviária de Serrinha-Ba, com o intuito de os envolvidos no projeto conhecerem melhor o espaço onde vivem e se relacionam, afim de que, possam intervir de modo significativo na sociedade, bem como, sistematizar o conhecimento obtido pelo senso comum em saberes geográficos acadêmicos. Como resultado, identificamos ação antrópica na dinamicidade da paisagem local, através das modificações sofridas a partir da construção do Shopping Center no referido bairro, dando mais visibilidade ao mesmo, através de abertura de ruas, construção de acesso com calçamento, abertura de loteamento e expansão da cidade, construção do complexo policial da polícia militar, dentre outros.

**Palavras-Chave:** Linguagem cartográfica, Aula de campo, PIBID.**ABSTRACT**

This paper aims to discuss aspects of the implementation of Atelier Cartographic II: The cartographic language in the classroom: didactic and pedagogical device for teaching and learning

concepts and themes of School Geography as activity PIBID Program under the subproject " teacher training and school geography: spatial knowledge of practices and the construction of geographical knowledge." The intervention in question happened in State College Normal Serrinha classes in the 1st year B and C, high school, in turn: Evening, with the theme: Mapping: Building and (re) signifying the perception of the Highway District in Serrinha- Ba, where those involved in the project were able to bounce a knowledge of the cartographic language, based on the reality experienced to the spread and expansion of the geographic look, in addressing various issues that permeate a given social condition; in this regard was held the field of activity in the Bus Station neighborhood Serrinha-Ba therefore involved in the project should better understand the space where they live and relate to the end that can intervene significantly thus systematize the knowledge gained by sense common in academic geographical knowledge.

**Keywords:** cartographic language, Field class, PIBID.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute aspectos sobre a execução do Atelier Cartográfico II, intitulado: A linguagem cartográfica na sala de aula - dispositivo didático-pedagógico para ensinar e aprender conceitos e temas da Geografia, bem como, sua importância e aplicabilidade como instrumento assistencial no processo de mediação do conhecimento, abordando sobre questões como: dinâmica territorial e a especulação imobiliária do bairro da Rodoviária, com enfoque no Shopping Serrinha e as construções recentes do seu entorno.

A discussão segue ateando reflexão sobre a importância do PIBID na formação docente, e de que modo este vem colaborar para qualificar o professor no processo formativo. Outro aspecto importante é esclarecer as questões como: a configuração socioespacial e socioambiental causada pela ação antrópica no bairro da Rodoviária de Serrinha-Bahia.

Neste sentido, o trabalho indicado pelo ateliê Cartográfico II no âmbito do subprojeto intitulado: "Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico", vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, no Colégio Estadual Normal de Serrinha, nas turmas do 1º ano B e C, do Ensino Médio, no turno vespertino, tendo como tema: Cartografando: Construindo e (re) significando a percepção do Bairro da Rodoviária em Serrinha-Ba. Objetivamos ainda, intervir e agregar novas possibilidades metodológicas no processo de ensino aprendizagem, bem como reconhecer que novas metodologias são pertinentes para melhorar o cotidiano na sala de aula, sobretudo, as aulas de Geografia, pois a demanda para o professor regente é grande, e fica muito difícil propiciar atividades e dinâmicas variadas.

**1.1 LINGUAGEM CARTOGRÁFICA E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

A cartografia foi a principal ferramenta usada pela humanidade para conhecer e ampliar os espaços territoriais e organizar essas ocupações. Hoje ela está presente no cotidiano da sociedade, seja contribuindo com soluções para os problemas urbanos, de segurança, saúde pública, turismo, meio ambiente, navegação ou auxiliando outras atividades. Assim, para Castrogiovanni:

A Cartografia é o conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervém na construção de mapas, cartas, plantas e outras formas de representação, bem como no seu emprego pelo homem. Assim a cartografia é uma ciência, uma arte e uma técnica (CASTROGIOVANNI, 2000, p.39).

[...] tem se tornado uma tarefa cada vez mais ampla, pois, além dominar os conhecimentos relativos aos conceitos/categorias inerentes ao ensino dessa disciplina, faz-se necessário selecionar e saber utilizar linguagens adequadas para cada situação de ensino-aprendizagem. Uma das linguagens mais utilizadas no ensino de Geografia é, indubitavelmente, o mapa. Ele favorece a compreensão sócio-espacial, na medida em que possibilita realizar estudos comparativos das diferentes paisagens e territórios representados em várias escalas (MOREIRA, 2008, p. 2).

A linguagem cartográfica tem sido bastante estudada e têm sido destacado nos últimos anos, tanto no campo dos bacharelados, com a aplicação de novas (geo) tecnologias cartográficas, nos setores da saúde, ordenamento urbano, gestão ambiental, etc.; quanto nos setores ligados à educação, em que as questões ambientais, sociais, culturais e econômicas vem tendo cada vez mais importância e visibilidade, assim, essas tecnologias cartográficas tem ganhado expressividade. Nessa perspectiva, o currículo do ensino médio, conforme o: (PCNEN, 2000, p.33):

- I. Destacará a educação tecnológica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;
- II. Adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa de estudantes;
- III. Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória. Escolhido pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição. (PCNEN, 2000, p.33).

Nesse viés, os princípios do Ensino Médio no Brasil vêm sendo melhorado. A concretização do Estado democrático, as novas tecnologias e as mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos estabelecem que a escola permita aos alunos juntar-se ao mundo contemporâneo nas grandezas essenciais da cidadania e do trabalho. A partir de especificidades definidas na Lei de Diretrizes e Bases – LDB (9198/96), o Ministério da Educação, num trabalho em parceria com educadores de todo o país, vem propondo a um novo perfil para o currículo, sustentado em competências básicas para a inclusão de nossos jovens na educação.

Para contrapor a um ensino descontextualizado, compartimentalizado e fundamentado no acúmulo de informações, devemos procurar dá significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; desviar-se da dicotomia entre os conteúdos, mediante a interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender.

Neste sentido, a cartografia básica tem sua necessidade na medida em que apresenta um assunto de fácil aprendizagem e que facilita a busca de estudos sobre o espaço, provocando o desenvolvimento de uma nova habilidade, que leva o aluno a dominar conceitos espaciais e sua representação, provocando assim um processo de construção de conhecimento através da utilização dos mapas como instrumento, indispensável de comunicação, para lidar com questões do cotidiano.

## 1.2 AULA DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

A realização da aula de campo vincula-se às necessidades de edificação de um ambiente educativo escolar dinâmico e em transformação, demandando a adoção de posturas diferenciadas que possam receber a propriedade de desenvolvimento global, nacional, regional e local dos alunos e da própria sociedade. De acordo com Rego:

Considerar a aprendizagem como processo supõe contemplar espaços para além dos escolares, ou seja, realizar atividades que envolvam conteúdos, mas em espaços não formais, como o zoológico, o planetário, a praça, o museu, o entorno da escola ou mesmo em outros espaços dela. Assim, podemos analisar a articulação entre os conteúdos aprendidos teoricamente na escola e a aplicação prática em uma situação do cotidiano, entendendo como espaços de aprendizagem propiciam uma melhor integração entre tais instâncias da sociedade e como criam condições para a melhoria da qualidade na educação [...] (REGO, pág. 91).

Neste sentido, compete reafirmar a importância da utilização de mecanismos que gerem aprendizagem significativa, sobretudo, no que diz respeito ao ensino de Geografia, dada a imprescindível aliança entre a aprendizagem significativa e a produção de novos conhecimentos, tendo em vista a complexidade dos conhecimentos que abarcam a disciplina. Assim, o mesmo autor destaca que:

O que a pesquisa nos permite perceber é que, quando há uma perspectiva inovadora nas situações escolares – e de resultados concretos - os professores sentem-se valorizados, e a participação torna-se mais efetiva. Tal situação altera a postura do professor, levando-o a modificar sua prática docente, sua relação com os alunos, suas relações com os outros professores e com a dinâmica da escola. Essa alteração de postura do professor, por sua vez, faz com o aluno valorize o conhecimento escolar, envolvendo-se mais nas atividades das aulas, o que implica uma aprendizagem mais integrada e significativa. (REGO, 2011, P. 19).

No percurso da aula de campo é imprescindível que ocorra a pesquisa de campo, que compreende a observação de fatos e fenômenos exatamente como se apresentam no real, à coleta de dados referentes aos fatos e, finalmente, a análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e “explicar” o problema pesquisado.

Neste sentido, a aula de campo exige atenção dos discentes, para que possam observar e analisar toda a paisagem e para partir daí contextualizar com os conhecimentos teóricos, gerando respostas e dúvidas. Pois, são a partir de atividades como essas que surgem novas pesquisas e aguçam os olhares daqueles envolvidos no processo.

Os espaços não devem ser vistos de forma estanque, quer a nível do município, bairro, estado ou país, pois são espaços que dependem entre si e interagem. A interligação e a integração surgem quando realiza a leitura do espaço humanizado e organizado pelo homem. (PASSINI, 2002, p.46).

Em suma, o emprego do trabalho de campo como instrumento de aprendizagem é de fundamental importância para que o aluno possa compreender melhor as relações existentes entre a disciplina apresentada em sala de aula e a sua real aplicação na realidade. As noções próprias do processo ensino-aprendizagem fornecem recursos e instrumentos para que possam interagir com seu meio ambiente em escala local e relacioná-lo com as diferentes escalas geográficas. O incentivo a construção coletiva do conhecimento (trabalhos em grupos) nos trabalhos de campo, privilegia a evolução sócio - afetiva do aluno e promove uma transformação no cotidiano escolar. Portanto, o trabalho de campo se caracteriza como uma ferramenta fundamental para o aluno e todo o grupo envolvido na atividade, fazendo com que estes tenham um maior conhecimento das questões ambientais que estão ao seu redor, contribuindo para que desenvolva uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações. Em outras palavras, construir o conhecimento a partir da realidade, sobre a realidade e para então intervir nessa realidade.

### 1.3 A FORMAÇÃO DOCENTE NO PIBID

O PIBID enquanto Programa Institucional essencial no processo de formação docente, permite a relação com a realidade e o cotidiano escolar. Assim, a partir de um olhar aguçado e reflexivo, os participantes do subprojetos vinculados ao programa avaliam formas de intervenção pedagógica mediante diferentes enfoques, pretendendo gerar um elo entre o aluno e a realidade social, visto que o sujeito possui vivências que extrapolam os muros da escola.

São nas decisões feitas pelos professores que pode gerar direcionamentos, a partir de proposições e afirmativas sobre determinados temas, que neste caso, a temática trabalhada foi sobre a configuração socioespacial e socioambiental, objetivando oportunizar um patamar de inter-relações

com o sujeito e sua formação. Nesse sentido, o PIBID ajusta um contato com a profissão e o fazer docente. Logo, a teoria e prática peregrinam juntas. Caminhando nessa direção, Catrogiovanni assevera que:

Parece claro que quanto mais ouvimos os alunos ou, melhor, os provocamos a falar mais material temos para prepararmos nossas aulas e melhor entendermos seus interesse e sua lógica. Muitas vezes, tomamos, precipitadamente, como “errados” certos dizeres ou pensamentos de alunos, sem nos darmos conta de que, o que para nós é um “erro”, para eles pode ser um caminho, um ponto de partida para o entendimento... Se tivermos essa visão, vamos praticar mais (a fala, a escrita, a discussão) sem tanto medo de “dar bola fora”, como dizem os alunos. Admitimos o “erro” é, provavelmente, uma das essências do ato educativo, quiçá tão importante quanto o conteúdo. Os erros são fundamentais para aprendermos a falar, a andar de bicicleta! E, por que não, fundamental para aprendermos Geografia? Por que a escola tem que ser tão diferente da vida? Provavelmente, porque está é bem mais complexa e dinâmica – indutora de incertezas, portanto – do que as classificações dos manuais didáticos. (CASTROGIOVANNI, 2000, pg. 139 e 140).

Durante todo o processo de formação que se constrói a identidade docente, a preparação dentro da academia é fundamental para sistematizar e ampliar os conhecimentos necessários para a carreira profissional. Neste sentido, através do PIBID, podemos nos reconhecer enquanto profissional docente, criando novas possibilidades e formas de lidar com a realidade na sala de aula. Desse modo, o Ateliê aplicado como proposta educativa no Colégio Estadual Normal de Serrinha, possibilitou conhecer a realidade da escola bem como, os integrantes que constitui todo o corpo escolar. Através desta experiência foi possível constatar que trabalhar com projetos na sala de aula nos aproxima tanto da realidade dos alunos quanto contribui para a formação dos estudantes de licenciatura.

O questionamento que somos levados a fazer é quem define as habilidades mais importantes a serem treinadas? De onde se parte para estabelecê-las? Seriam as habilidades treinadas, generalizáveis para o trabalho docente com qualquer agrupamento de alunos? Parece-nos que, a um certo nível, é possível falar em domínio de determinadas técnicas (instrumentos, recursos) para o desenvolvimento de determinadas habilidades em situação. Ou seja, a habilidade que o professor deve desenvolver é a de saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas situações – o que implica, necessariamente, a criação de novas técnicas. (PIMENTA, 1997, p. 55).

Em suma a aplicação do projeto permitiu perceber a importância do uso metodológico de diferentes linguagens para dinamizar as aulas sem desprezar os conteúdos, proporcionando um ambiente que favoreça a busca de novas pesquisas. Ou seja, o professor precisa ter o conhecimento das técnicas para poder usá-las de acordo a demanda das diversas circunstâncias.



**2 APRENDER A APRENDER**

Em suma, a aplicação do projeto em questão permitiu perceber a importância do uso metodológico da linguagem cartográfica e da atividade de campo para dinamizar as aulas de Geografia, sem desprezar os conteúdos, proporcionando um ambiente que favoreça a busca de novas pesquisas.

Assim, desenvolvido já mencionado Ateliê Geográfico. A primeira ação foi a apresentação da proposta de trabalho, isto é, a (re) significação da cartografia para os alunos do 1º Ano, do Ensino Médio, turno vespertino, Colégio Estadual Normal de Serrinha - Bahia, através de práticas interativas e, expositivas, através da revisão da literatura, acerca da cartografia. A linguagem Cartográfica no ensino superior e básico de Nídia Nacib Pontuschka (2011), foi um dos textos trabalhados que muito contribuiu para que nós bolsistas nos assenhorássemos da discussão e trabalhássemos com os estudantes envolvidos nesta ação. A construção de mapas mentais e o ensino de geografia: articulações entre o cotidiano e os conteúdos escolares, de Alyne Rodrigues Cândido Lopes e Denis Richter (2014); Alfabetização Geográfica nos primeiros anos do Ensino Fundamental, de Tânia Regina Peixoto da Silva Gonçalves e Jader Janer Moreira Lopes (2008); Abordagem cartográfica no ensino de geografia: reflexões para o ensino fundamental, Camila de Freitas Câmara e Maria Edivani Silva Barbosa (2012) trouxeram contribuições significativas para o desenvolvimento de bom embasamento teórico.

A ação seguinte foi a ida a campo, no Bairro da Rodoviária da cidade de Serrinha, auxiliando a construção de um conhecimento novo, de um olhar crítico-reflexivo sobre a temática em foco. A junção dos bolsistas com a professora supervisora e os alunos nessa atividade, possibilitou a análise da dinamicidade sócioespacial, identificando aspectos físicos, econômicos e sociais, que estão inseridos no bairro supracitado.

A terceira ação foi realizada ao retornar para as aulas no espaço escolar, como atividade pós-campo, teve como objetivo o estabelecimento de relações entre os conteúdos apresentados nas aulas, com o que foi observado e analisado no espaço do bairro da Rodoviária da cidade de Serrinha. Para a sistematização do estudo, as turmas foram divididas em equipes e cada uma representou um determinado ponto através da construção de painéis com mapas, ou a construção de maquetes, onde foram explicitados os elementos daquele espaço observado. Neste sentido, SOUZA (2000), enfatiza que:

[...] a linguagem cartográfica é, a nosso ver, uma das que indubitavelmente devem ser utilizadas no ensino, pois representa a territorialidade dos diferentes fenômenos, razão de ser da própria ciência geográfica. (SOUZA, 2000 apud SILVA; CARNEIRO, 2009). O tema – Alfabetização Cartográfica: Práticas

Concluimos, que fazer uma atividade diferenciada, sair da sala de aula, levar os alunos e orientar o olhar deles para não só ver a paisagem no que tange somente a sua arte visível, e sim enxergar a realidade na qual estão inseridos e relacionar com os assuntos estudados, é uma boa alternativa para um aprendizado mais rico e produtivo, além de trazer contribuições para a construção de cidadãos críticos conscientes e atuantes. Ou seja, como assevera Santos, (1982), a paisagem necessita ser observada acerca da “relação dialética entre estrutura, processo, função e forma”.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio do aperfeiçoamento deste trabalho e de todo o processo que o abrangeu, desde a preparação e aplicação do projeto, ficou evidente a relevância de atividades como esta para estimular o processo de formação dos estudantes de licenciatura e também aproximá-los ao exercício de sua futura profissão, com a intenção de adicionar conhecimentos para a vida profissional e social de todos os bolsistas do PIBID. Em suma, as discussões e leituras sobre as diferentes temáticas trazem uma magnitude de olhares e concepções a cerca da diversidade que compõe o espaço geográfico.

Vale ressaltar, que no decorrer da aplicação das atividades, evidenciou-se a desenvoltura e a integração dos educandos durante o desenvolvimento das atividades. Entretanto, por ter sido aplicado logo após o término da Greve na UNEB, tivemos algumas dificuldades com relação ao tempo e como foi pensado aplicar essa atividade com turmas do 1º ano do ensino médio (por serem turmas com problemas de comportamento e falta de atenção), mas, mesmo assim, deixo registrado a minha satisfação com relação à proposta desenvolvida, por identificar que tiveram curiosidades e aprendizagens com esse novo olhar, na paisagem estudada.

Desse modo, esta proposta acarretou como produto final, a afirmação que Programas como o PIBID ajudam a concretizar o percurso de formação dos graduandos de licenciatura.

Essa oportunidade nos possibilitou entender melhor a cartografia que é ensinada no Ensino Médio, pelo fato que na academia, aprendemos um leque de conhecimentos, mas quando vamos para a sala de aula, ficamos sem saber como planejar uma aula para esse tipo de público. E que a depender dos conhecimentos dos alunos sobre cartografia, teremos que revisar, ou até mesmo, possibilitar a alfabetização cartográfica. .



**REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Rosângela Doin. Do desenho ao mapa. Iniciação Cartográfica na Escola. São Paulo: Contexto, 2001.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Organizador. Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre. Ed. Mediação, 2000.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. As Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais, (Ensino Médio), 2000.
- MORREIRA, Uma discussão teórico-metodológica sobre o uso da “Cartografia multimídia” para a formação de professores. In: Simpósio de pós-graduação em geografia do estado de São Paulo, 1., 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: UNESP, 2008.
- PIMENTA, Sela Garrido. O estágio na formação de professores: unidade e prática. Ed. Cortez, 1997. São Paulo
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A Geografia: Pesquisa e Ensino. In: Novo Caminho da Geografia. CARLOS, Ana Fani Alessandro. (Orgs), 5 ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- REGO, Nelson. CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. KAERCHEER, Nestor Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre:Penso, 2011.v.2.
- SOUZA, José Gilberto; KATUTA, Ângela Massumi. Geografia e Conhecimento Cartográfico. A Cartografia de renovação da Geografia Brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.